



A leitura de paisagem no ensino de Geografia do 6º ano escolar

Ivana Souza Oliveira Santos *

Rita Jaqueline Nogueira
Chiapetti**

Resumo: Este artigo discute a importância da leitura de paisagem para a construção de conhecimentos geográficos significativos no 6º ano escolar. Traz uma breve discussão sobre o conceito de paisagem na Geografia Cultural e Humanista e reflete sobre o ensino de Geografia, especialmente no 6º ano. Como contribuição à práxis docente propõe aulas de Geografia para o 6º ano escolar, voltadas para a realidade da cidade de Itajuípe, sul da Bahia, com aula de campo e análise de imagem como metodologias para trabalhar leitura de paisagem como um conteúdo geográfico significativo, capaz de desenvolver habilidades necessárias para formação de alunos críticos.

* Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus - BA.

** Professora do Departamento de Geografia da UESC, Ilhéus - BA. Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP - Rio Claro).

Reading of landscape in the teaching of Geography 6th School year

Abstract: This paper discusses the importance of the landscape reading for the construction of meaningful geographic knowledge in the 6th grade of Elementary School. It brings a brief discussion on the concept of landscape in Cultural and Humanistic Geography and it reflects on the Geography teaching, especially in the 6th grade. As a contribution to the teacher praxis, it purposes Geography classes for the 6th grade, focused on the reality of Itajuípe, a city in Southern Bahia, with field class and image analysis as methodologies to work the landscape reading as a meaningful geographic content, which is able to develop skills needed to the formation of critical students.

Palavras-chave:

Ensino de Geografia, leitura de paisagem, aula de campo.

Key-Words:

Geography teaching, landscape reading, field class.

Introdução

O conceito de paisagem não é exclusivo da Geografia, mas sempre teve grande importância para a disciplina, estabelecendo-se como um de seus conceitos-chave e que está em constante discussão dentro da ciência geográfica. Portanto, trabalhar a leitura de paisagens é de grande importância na disciplina de Geografia.

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a importância da leitura de paisagem para a construção de conhecimentos geográficos significativos no 6º ano escolar e para que esse objetivo fosse alcançado foi necessário discutir o conceito de paisagem na Geografia Cultural e Humanista; refletir sobre o ensino de Geografia e a leitura de paisagem, especialmente no 6º ano escolar e, por fim, definir a importância da leitura de imagens e da aula de campo no ensino da leitura de paisagem, como aprendizado de conhecimentos geográficos significativos para os alunos do 6º ano escolar.

Nesse trabalho fizemos um breve histórico sobre a evolução do conceito de paisagem nas abordagens cultural e humanista, reunindo diversos autores como Corrêa (1997); Sauer (2004); Holzer (1999); Melo (2001) e Schier (2003), que escrevem com propriedade sobre o assunto, constituindo a base de nossa pesquisa.

Também, discutimos sobre o ensino de Geografia, destacando o 6º ano como delimitação para a nossa pesquisa, inserindo-se no atual modelo de educação proposto pelo Estado, que é o ensino fundamental de nove anos, tratado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) como 3º ciclo, que corresponde aos dois primeiros anos do Ensino Fundamental II. Abordamos, ainda, sobre a importância do ensino de Geografia, ou como ele deve ser trabalhado na sala de aula e, ainda, os conteúdos que devem ser ensinados, especificamente, no 6º ano, estes embasados em autores como: Brasil (1998); Callai (2003) e Kaercher (2003).

Na sequência de construção dos itens desse trabalho, caracterizamos a leitura de paisagem como um conteúdo que, quando trabalhado de forma eficiente, proporciona oportunidade para que se desenvolva uma série de habilidades nos alunos, como a observação, o registro, a análise e a comparação.

Desde a instituição dos PCNs, a leitura de paisagem se tornou uma expressão corrente nas aulas de Geografia, tanto que os livros didáticos passaram a explorar esse recurso, sempre colocando imagens de diferentes paisagens brasileiras, para serem usadas pelos professores nas aulas de Geografia. Para comprovarmos tal fato, avaliamos três livros didáticos do 6º ano escolar, ou melhor, um capítulo de cada um desses livros quanto ao conteúdo das imagens.

Além da leitura da paisagem nos livros didáticos, apontamos a aula de campo como uma metodologia de ensino de leitura de paisagem, porque tanto as habilidades empregadas na leitura de paisagens de imagens como da aula de campo contribuem para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, em busca de resultados satisfatórios de aprendizagem, para melhor compreensão da realidade pelos alunos.

Portanto, este trabalho vem discutir a importância de construir, junto com os alunos do 6º ano escolar, a leitura das paisagens que vivenciam cotidianamente, para que compreendam que a Geografia é feita no dia-a-dia e que todos são participantes da paisagem na qual estão inseridos.

A nossa pesquisa espera contribuir com a práxis docente, analisando a importância da leitura de paisagem para a construção de conhecimentos geográficos significativos no 6º ano escolar, oferecendo alternativas para que o professor consiga realizar o processo de ensino-aprendizagem de forma produtiva, satisfatória e prazerosa.

Procedimentos metodológicos

Como procedimentos metodológicos fizemos levantamento e revisão bibliográfica parcial, para reunir obras que embasaram nossa pesquisa, em fontes como: biblioteca da UESC, internet e acervo pessoal.

Com relação ao conceito de paisagem nos baseamos, principalmente, em autores como: Corrêa (1997); Sauer (2004); Holzer (1999); Melo (2001); e Schier (2003). A respeito do ensino de Geografia utilizamos autores como: Callai (2003); Kaercher (2003) e PCNs (BRASIL, 1998)

Para leitura de paisagem usamos: PCNs (BRASIL, 1998); Schaffer (2003); Callai (2005) e Coelho (2008). E, por fim, para aula de campo como metodologia de ensino, buscamos autores como: PCNs (BRASIL, 1998); Schaffer (2003) e Neves (2010).

Apenas como contribuição sobre a importância da leitura de paisagem no 6º ano escolar, fizemos a avaliação de imagens de três livros didáticos, quais sejam: Trilhas da Geografia, da editora Scipione; Projeto Araribá, da editora Moderna; e Tempo de Geografia, da editora do Brasil.

Como última etapa dos procedimentos de nossa pesquisa, selecionamos o conteúdo “leitura de paisagem”, já que é muito significativo no 6º ano escolar, e propusemos um roteiro de aula de campo de Geografia, para disponibilizar aos professores de escolas públicas de Itajuípe-BA. Importante ressaltar que estas aulas estão voltadas para a realidade dos alunos, ou seja, contém um roteiro de aula de campo na própria cidade de Itajuípe.

Nessa aula de campo, os alunos deverão tirar fotos dos lugares que irão visitar, para depois ser trabalhada a leitura de paisagem, em sala de aula. Na continuidade, deverão ser selecionadas algumas dessas fotos para serem analisadas e comparadas com imagens antigas dos mesmos lugares (que os alunos deverão levar para a escola), com o intuito de observar as transformações da paisagem e, também, fazer a separação de planos das fotos, para um estudo dos elementos presentes nas mesmas.

A metodologia de ensino aula de campo deve ser trabalhada como uma forma de os alunos vivenciarem as paisagens locais, com todos os elementos naturais culturais que a envolvem. Enfim, a aula de campo pode se tornar uma experiência prazerosa de aprendizado de um conteúdo geográfico significativo.

O conceito de paisagem na Geografia Cultural e na Humanista

O conceito de paisagem não é exclusivo da Geografia, mas sempre teve grande importância para a disciplina, estabelecendo-se como um de seus conceitos-chave e que está em constante discussão dentro da ciência geográfica. Isso pode ser constatado a partir da afirmação de Melo (2001, p. 29) quando diz que “o conceito de paisagem é um dos mais antigos da geografia, a ponto de nas abordagens mais remotas, os geógrafos afirmarem ser a geografia a ciência das paisagens”.

O geógrafo americano Carl O. Sauer é considerado o maior representante da Geografia Cultural, porque foi ele quem mais difundiu esse conceito na década de 1920.

Sauer faz uma distinção no conceito de paisagem, usando o critério das formas, no caso natural e cultural, onde a paisagem natural é aquela que ainda não foi modificada pelo homem e a paisagem cultural é aquela em que o homem introduziu formas. Para Sauer (2004, p. 42):

A área anterior à introdução de atividade humana é representada por um conjunto de fatos morfológicos. As formas que o homem introduziu são um outro conjunto. Podemos chamar as primeiras, com referência ao homem, de paisagem natural, original.

Sauer (2004, p. 23) ainda define a paisagem cultural como sendo: “a área geográfica em seu último significado (*chore*). Suas formas são todas as obras do homem que caracterizam a paisagem”. E, por fim, Sauer (2004, p. 59) faz uma relação do meio natural e da cultura: “a paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural é o resultado”.

De acordo com Corrêa (1998, p. 67), “a nova geografia cultural resgata e amplia as bases epistemológicas desenvolvidas pela geografia cultural de Sauer e dos geógrafos europeus”.

Cosgrove (1998, p. 98-99) foi um dos autores que defendeu essa linha de abordagem quando afirmou que “a paisagem percebida é também significada e construída. Sua estrutura e dinâmica são acessíveis ao homem e agem como guias para suas atitudes e condutas”. Resumindo esse pensamento, Berque (2004, p. 84-85) afirma que:

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação - ou seja, da cultura - que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza.

A Geografia Humanista nasceu na década de 1970 nos Estados Unidos, mas segundo Melo (2001, p. 32):

A proposta inicial da Geografia Humanística não tinha como objetivo reformar a Geografia Cultural, mas fazer oposição a análise quantitativista. [...] os geógrafos humanistas procuravam referenciar nas humanidades, adotando como base filosofias do significado, especialmente a fenomenologia e o existencialismo.

Holzer (citado por MELO, 2005, p. 9149) considera que “é difícil falar da Geografia Humanista sem fazer referência à Geografia Cultural criada por Sauer, pois seus temas têm muitos aspectos em comum”.

Na perspectiva de conceituar a paisagem na abordagem humanista, Schier (2003, p. 81) a define como: “A realização e materialização de ideias dentro de determinados sistemas de significação. Assim, ela é humanizada não apenas pela ação humana, mas igualmente pelo pensar”.

Já Lowenthal (1982, p.113) coloca o homem no centro da paisagem: “a melhor visão do mundo concebida pela mente humana é [...] um quadro centralizado no homem”. Melo (2005, p. 9149) compartilha do mesmo pensamento de Lowenthal quando diz que “assim, o homem seria a medida de todas as coisas, uma vez que toda explicação só seria satisfatória se estivesse fundada nas explicações e nos valores humanos”.

Como seres humanos que somos, vemos a paisagem com os nossos olhos, porém esta deve ser uma visão que considera a nossa história, a nossa subjetividade, que por sua vez, estão inseridas no mundo das histórias e das subjetividades coletivas ou da sociedade humana, ao longo do tempo.

Sobre paisagem e subjetividade, Chiapetti (2009, p. 103) escreve:

Uma paisagem, então, é o resultado de uma percepção dinâmica, construída a partir do olhar de um observador a um lugar qualquer do espaço em um determinado momento. Contudo, é um olhar com subjetividade, com história, com valores culturais, com seus modos de vida e com seu ponto de vista, sobre aquilo que é observado.

Disso podemos afirmar que para a Geografia Humanista, a percepção contribui no envolvimento das pessoas com as paisagens com as quais elas convivem e experenciam e, principalmente na conduta dessas pessoas. Para Machado (1988 citado por CHIAPETTI, 2009), a paisagem não se separa da experiência humana, pois são as pessoas que vivenciam as paisagens, atribuindo a elas significados e valores.

Para a Geografia Humanista e Cultural o conhecimento não está apenas na dimensão científica, mas incorpora a experiência vivida, os sentimentos, as relações socioculturais manifestas através das paisagens, na forma como se apresentam e o homem não é apresentado como “um elemento a mais” nesse cenário, mas como “o elemento” que faz toda a diferença e que está no centro das paisagens culturais, comandando as relações ali existentes.

O ensino de Geografia no 6º ano escolar

O surgimento da Geografia escolar também faz parte do processo de institucionalização da ciência geográfica. Desde então até os dias atuais o sistema educacional do Brasil passou por diversas modificações, quanto à quantidade de anos que o aluno deve passar na escola, na intenção de melhorar a qualidade do ensino brasileiro.

Podemos constatar isso ao analisarmos a legislação educacional brasileira:

A Lei no 4.024/1961, que estabeleceu quatro anos de escolaridade obrigatória; com o Acordo de Punta Del Este e Santiago, de 1970, estendeu-se para seis anos o tempo do ensino obrigatório; a Lei no 5.692/1971 determinou a extensão da obrigatoriedade para oito anos; já a Lei no 9.394/1996 sinalizou para um ensino obrigatório de nove anos de duração, a iniciar-se aos seis anos de idade, o que, por sua vez, tornou-se meta da educação nacional pela Lei no 10.172/2001, que aprovou o Plano Nacional de Educação (PNE). Finalmente, em 6 de fevereiro de 2006, a Lei no 11.274 instituiu o ensino fundamental de nove anos de duração, com a inclusão das crianças de seis anos de idade. (Disponível em: <http://sites.aticascipione.com.br/aprendendo/pdf/9anos_orient_gerais.pdf>).

Nossa pesquisa é focada no 6º ano escolar, antiga 5ª série, enquadrado no Ensino Fundamental II e abordado nos PCNs como terceiro ciclo, que corresponde hoje aos 6º e 7º anos.

Quadro 1 – Ensino Fundamental I e II com os ciclos e seus respectivos anos escolares

Ensino Fundamental I					Ensino Fundamental II			
Anos Iniciais					Anos Finais			
Alfabetização	1º Ciclo		2º Ciclo		3º Ciclo		4º Ciclo	
1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano	6º Ano	7º Ano	8º Ano	9º Ano

Fonte: http://sites.aticascipione.com.br/aprendendo/pdf/9anos_orient_gerais.pdf. Adaptado pela primeira autora, 2013.

Escolhemos o 6º ano porque entendemos que o processo de ensino-aprendizagem de Geografia no Ensino Fundamental II representa uma continuidade do Fundamental I, porque as habilidades dos alunos de ler, escrever, interpretar, etc. são desenvolvidas ainda nessa etapa (primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental I). Assim, no Ensino Fundamental II os alunos poderão sistematizar melhor os conteúdos ensinados em sala de aula. No caso específico da disciplina de Geografia, os conteúdos geográficos do terceiro ciclo (do qual o 6º ano faz parte) devem ser mais aprofundados do que no segundo ciclo.

Os PCNs esclarecem que:

O principal cuidado é ir além daquilo que já sabem, evitando estudos restritos às ideias e temas que já dominam e pouco promovem a ampliação de seus conhecimentos

sobre os lugares e o mundo. [...] O aluno que inicia o terceiro ciclo poderá ser orientado a obter maior autonomia em relação ao método da observação, descrição, representação, explicação e compreensão do espaço e suas paisagens, assim como em relação aos diferentes recursos e linguagens com os quais possa obter informações para essa melhor compreensão (BRASIL, 1998, p. 51-52).

Mas, por que estudar Geografia? Callai (2003, p. 57) aponta três razões para responder esta pergunta.

Primeira: para conhecer o mundo e obter informações, que há muito tempo é motivo principal para estudar geografia. Segunda: podemos acrescentar que a geografia é a ciência que estuda, analisa e tenta explicar (conhecer) o espaço produzido pelo homem [...]. Terceira: não é no conteúdo em si, mas num objetivo maior que dá conta de tudo o mais, qual seja a formação do cidadão. Instrumentalizar os alunos, fornecer-lhes as condições para que seja realmente construída a sua cidadania é objetivo da escola, mas à geografia cabe um papel significativo nesse processo, pelos termos, pelos assuntos que trata.

O ensino de Geografia tem o papel de estimular a leitura crítica dos alunos, para que se percebam como agentes produtores do espaço geográfico, que transformam as paisagens nas quais estão inseridos. Por isso, segundo Kaercher (2003, p. 13), “no ensino fundamental é necessário que partamos das paisagens visíveis e não de conceitos (isso cabe ao ensino médio), ou seja, os conceitos não devem anteceder os conteúdos”. O que este autor quer dizer é que antes mesmo de apresentar os conceitos prontos, o professor deve primeiro trabalhar com assuntos da vivência dos alunos, temas construídos no dia-a-dia, desta forma os alunos irão apreender os conteúdos e conceitos e esse conhecimento será levado para toda a vida, porque foi construído por eles próprios, juntamente com o professor.

Complementando essa linha de pensamento, os PCNs escrevem:

Torna-se importante que o professor ofereça a oportunidade de um conhecimento organizado de sua área. Procurar valorizar o seu lugar de vida, tendo sempre o cuidado de lançar mão de uma didática que valorize a experiência do aluno com o seu lugar de vida (BRASIL, 1998, p. 51).

A Geografia é uma ciência social e, como tal, os seus conteúdos não devem ser ensinados de forma fragmentada e nem isolada da sociedade, da qual os alunos são participantes ativos, pois, para Callai (2003, p. 60):

A geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento.

Até o momento falamos da importância do ensino de Geografia e de como ele deve ser trabalhado na sala de aula, mas afinal, quais conteúdos devem ser ensinados no 6º ano? Esta não é uma resposta muito simples porque muitos são os conteúdos do 6º ano, assim como em todos os outros anos escolares, tanto que Callai (2003, p. 59) afirma que se deve ter um critério de seleção, ou seja, eleger o que deve ser ensinado, por que:

no mundo atual, cada vez de modo mais intenso, as informações e os meios de comunicação nos permitem ter acesso aos lugares mais distantes. O conhecimento é cada vez mais avolumado e cada vez mais abrangente. De acordo com o que cabe a geografia ensinar, precisamos ter claro como se vai eleger os conteúdos, já que ensinar tudo não é possível, seja pelas condições de duração e quantidade de horas-aula, seja porque é realmente excessivo.

Elaborados coletivamente por um grande número de pedagogos e publicados no final do século XX, pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), os PCNs servem como referência para o trabalho das escolas de ensino fundamental da rede pública brasileira. Mesmo não tendo um caráter obrigatório, eles vêm sendo adotados também na rede privada de ensino.

Os PCNs dividem os conteúdos do terceiro ciclo em eixos, temas e itens com uma hierarquia, onde os itens estão inseridos nos temas e os temas estão inseridos nos eixos. Porém, nós só iremos nos ater aos eixos e temas, porque os itens são realmente extensos. A lista a seguir foi extraída dos PCNs de Geografia, 3º ciclo do Ensino Fundamental II (BRASIL, 1998, p. 87):

Eixo 1: A Geografia como uma possibilidade de leitura compreensão do mundo

- A construção do espaço: os territórios e os lugares (o tempo da sociedade e o tempo natureza)
- A conquista do lugar como conquista da cidadania

Eixo 2: O estudo da natureza e sua importância para o homem

- Os fenômenos naturais, sua regularidade e possibilidade de previsão pelo homem.
- A natureza e as questões socioambientais.

Eixo 3: O campo e a cidade como formações socioespaciais.

- O espaço como acumulação de tempos desiguais
- A modernização e a redefinição nas relações entre o campo e a cidade.
- O papel do Estado e das classes sociais e a sociedade urbano-industrial brasileira.
- A cultura e o consumo: uma nova interação entre o campo e a cidade

Eixo 4: A cartografia como instrumento na aproximação dos lugares e do mundo

- Da alfabetização cartográfica à leitura crítica e mapeamento consciente
- Os mapas como possibilidade de compreensão e estudos comparativos das diferentes paisagens e lugares.

Estes eixos e temas contemplam conteúdos de diferentes dimensões: conceituais, procedimentais e atitudinais que, segundo esta proposta de ensino, são considerados como fundamentais para atingir as capacidades definidas para este segmento da escolaridade.

Faremos uma breve explicação sobre cada dimensão dos conteúdos tirados do Projeto ECO, Ensino Fundamental II, da Editora Positivo (COLEÇÃO PROJETO ECO, 2012, s. p.):

Os **conteúdos conceituais** são aqueles que entrelaçam a um fato e/ou dado uma interpretação significativa que irá desencadear novos conceitos, pois segundo Pozo (2001) um conceito nunca é um elemento isolado, mas sim uma hierarquia ou rede de conceitos. A construção dos conceitos para a compreensão da realidade não é um processo concluído, pois os significados são modificados à medida que vamos estabelecendo relações com outros conceitos, portanto, ampliando a aprendizagem. Os **conteúdos procedimentais** envolvem o ensino e aprendizagem de ações específicas que evidenciam a capacidade de “saber fazer”. Estão relacionados às técnicas, às estratégias, aos métodos, às destrezas, em suma, são um conjunto de ações orientadas para determinada finalidade, como desenhar, calcular, experimentar, investigar, entre outras. Os **conteúdos atitudinais** vão além das exigências comportamentais, como prestar atenção na aula, demonstrar respeito pelo professor, pontualidade, etc. É fundamental propiciar aos alunos condições de atribuir um valor individual a determinados fatos e normas. Conforme Saraíba (2000), ainda que parte das atitudes de cada estudante não seja sistematicamente ensinada, elas são consideradas conteúdos concretos de ensino, que norteiam os processos cognitivos, perceptivos e afetivos, conduzindo a aprendizagem de toda categoria (Grifos do autor).

Baseado nesses critérios podemos fazer uma seleção bem segura do que deve ser trabalhado na sala de aula. Hoje, os livros didáticos trazem os conteúdos a serem abordados em cada ano escolar, porém ao escolher esse material devemos estar atentos a essas condições, para ver se atendem às necessidades dos alunos.

Como fechamento deste item, usaremos as palavras de Callai (2003, p. 58):

Este é o desafio que temos: fazer da geografia uma disciplina interessante, que tenha a ver com a vida e não apenas com dados e informações que pareçam distantes da realidade do aluno [...]. Para ir além da aula descritiva e distante, exige-se um esforço do professor para trazer para a realidade do aluno aquilo que está sendo estudado; para ir além das descrições (sejam elas expositivas do professor, escritas no livro didático ou apresentadas nos mapas).

Leitura de paisagem no ensino de Geografia do 6º ano

A leitura da paisagem “é um recurso que permite desenvolver uma série de capacidades: a observação, o registro, a análise, a comparação e a representação que, em geografia, tem um caráter específico” (SCHAFFER, 2003, p. 91).

A intenção de se trabalhar com leitura de paisagem é ajudar os alunos do 6º ano escolar a desenvolverem as capacidades citadas por Shaffer e poder aguçar o olhar espacial dos alunos. Com relação a isso, Callai (2005, p. 238), escreve: “Desenvolver o olhar espacial, portanto, é construir um método que possa dar conta de fazer leitura da vida que estamos vivendo, a partir do que pode ser percebido no espaço construído”.

Coelho (2008, p. 20) acrescenta que

A possibilidade de exercitar a leitura de imagens como instrumento na interpretação da paisagem mostra-se uma experiência muito enriquecedora, pois, a paisagem sendo interpretação, se oferece à leitura como forma de interpretá-la em busca de extrair suas informações. [...] Ao decifrar os múltiplos significados de uma paisagem, abre-se uma porta que permite compreender diversos processos sociais e culturais, bem como trazer à luz as evidências que nos informam sobre os significados contidos em uma paisagem.

Mas, afinal, o que devemos considerar na leitura de paisagem? Callai (2005, p. 228) diz que:

importa então considerar as características culturais dos povos e os interesses envolvidos para a realização da leitura da paisagem. [...] Assim como a paisagem está cheia de historicidade, o sujeito que a lê também tem o seu processo de seleção do que observa. [...] Desse modo, fazer a leitura de paisagem pode ser uma forma interessante de desvendar a história do espaço considerado, quer dizer, a história das pessoas que ali vivem.

Os PCNs do 3º ciclo também abordam essa questão da historicidade na leitura de paisagens, quando escrevem que:

a geografia pode trabalhar com recortes temporais e espaciais distintos dos da História, embora não possa construir interpretações de uma paisagem sem buscar sua historicidade. Uma abordagem que pretende ler a paisagem local e global, estabelecer comparações, interpretar as múltiplas relações entre a sociedade e a natureza de um determinado lugar pressupõe uma inter-relação entre essas áreas (BRASIL, 1998, p. 53).

Desde a aplicação dos PCNs, a leitura de paisagem se tornou uma expressão corrente nas aulas de Geografia e um dos objetivos para o 3º ciclo é: “saber utilizar a observação e a descrição na leitura direta ou indireta da paisagem, sobretudo mediante ilustrações e linguagem oral” (BRASIL, 1998, p. 54).

Para comprovar a importância da leitura de paisagem como conteúdo significativo do 6º ano escolar e, ainda, como contribuição da nossa pesquisa, avaliamos três livros didáticos de editoras diferentes e percebemos que o tema paisagem é tratado sempre no

primeiro capítulo, ou seja, o primeiro conteúdo que o aluno tem contato ao iniciar o 6º ano escolar é justamente o conceito e a leitura de paisagem.

O primeiro livro avaliado foi Trilhas da Geografia, publicado em 2006. Notamos que antes de iniciar o capítulo sobre paisagem há uma imagem de Blumenau (SC), às margens do Rio Itajaí-Açu, de 2005, ocupando meia lauda, e logo abaixo têm questões que instigam o aluno a observar e ler a paisagem representada na imagem. Porém, dentro do capítulo tem somente texto, com ausência absoluta de imagens.

O segundo livro foi o Projeto Araribá, publicado em 2007 que, também, antes do conteúdo de paisagem expõe quatro imagens de paisagens dos Estados do Rio Grande do Sul, da Bahia e do Espírito Santo, e todas elas estão relacionadas a áreas costeiras, ocupando o espaço de uma lauda e meia. Além disso, têm também questões de associação, observação e descrição das paisagens, para serem respondidas pelo aluno e, dentro do capítulo tem várias imagens ilustrando diferentes tipos de paisagens.

E, por fim, o livro Tempo de Geografia, publicado em 2011, com uma única imagem do Museu de Arte Contemporânea, de Niterói, com o Pão de Açúcar ao fundo, na cidade do Rio de Janeiro, ocupando duas laudas inteiras. Abaixo dessa imagem tem uma citação do geógrafo Milton Santos, instigando o aluno a observar os elementos presentes na paisagem. Dentro do capítulo, assim como no livro anterior, também há diversas imagens, ilustrando os conteúdos abordados.

Percebemos por meio das observações destes livros didáticos do 6º ano, que seguindo uma ordem cronológica, os livros mais recentes têm mais imagens de paisagens para serem lidas, o que nos faz pensar que as editoras têm investido em livros mais ilustrados, pois a visualização da leitura de paisagem é uma necessidade constante e os professores devem utilizá-la, frequentemente, para que o aluno possa visualizar os conteúdos abordados.

Além dos livros didáticos existe uma série de recursos que o professor de Geografia pode utilizar para explorar a leitura de paisagem, como: imagens exibidas em computadores ligados à internet, em revistas, TV, fotografias, imagens projetadas por *datashow*, etc. e, principalmente, a aula de campo. Kaercher (2003, p. 14) ressalta que “explorar os mapas, bem como fotos, e imagens - seja de TV ou de revistas - é uma matéria-prima fundamental para o estudo da geografia”, entendendo que a Geografia estuda a realidade e a paisagem geográfica é algo concreto e real. Contudo, só conseguiremos “fazer” alunos-leitores críticos se nós, professores, conseguirmos construir junto com os alunos, uma leitura de paisagem para além do que está posto nos livros didáticos.

A aula de campo no ensino da leitura de paisagem

Os conteúdos abordados pela Geografia fazem parte do dia-a-dia dos alunos. O problema do ensino de Geografia não está na escassez ou excesso de conteúdos, mas na seleção criteriosa dos conteúdos que serão trabalhados e na forma como serão trabalhados, ou seja, a metodologia.

A aula de campo é uma estratégia de ensino, a qual “engloba a observação, a análise e a interpretação de fenômenos no local e nas condições onde eles ocorrem naturalmente” (NEVES, 2010, p. 15).

A metodologia da aula de campo é bastante utilizada na ciência geográfica, como também nas ciências naturais, envolvendo a observação e análise dos fenômenos *in loco*.

Para Silva (2002 citado por NEVES, 2010, p. 20):

O trabalho de campo vem a ser toda a atividade que proporciona a construção do conhecimento em ambiente externo ao de quatro paredes, através de concretização de experiências que promovam a observação, a percepção, o contato, o registro, a descrição e a representação, a análise e a reflexão crítica de uma dada realidade, bem como a

elaboração conceitual mais ampla, que é o ensino escolar. Ou, vinculada à formação técnica, a observação e interpretação do espaço e suas formas de organização, inerentes a prática social.

Sobre este assunto, os PCNs destacam que “a metodologia do trabalho de campo é uma prática pedagógica capaz de desenvolver e integrar os três tipos de conteúdos no ensino de Geografia: os conteúdos conceituais, os atitudinais e os procedimentais” (BRASIL, 1998, p. 34), tal qual já foi ressaltado anteriormente.

Para Schaffer (2003, p. 94):

na leitura de paisagem o trabalho de campo é uma prática importante para a aprendizagem em geografia. Ele permite, efetivamente, que se possa construir o conhecimento a partir da realidade observada, analisada e contextualizada (no tempo e no espaço) [...]. É, sobretudo, uma vivência capaz de oportunizar o confronto concreto e simultâneo da teoria e da prática.

Para a realização das aulas de campo, os professores devem escolher paisagens que fazem parte do cotidiano dos alunos, ou seja, devem fazê-las em locais que fazem parte da vivência dos alunos, na intenção de preencher as lacunas deixadas pelos livros didáticos, uma vez que:

os livros didáticos retratam realidades regionais mais amplas e as cidades regionais, particularmente as capitais estaduais e outras cidades médias que articulam redes urbanas em torno de si. Porém, a realidade é que as grandes maiorias dos municípios abrigam pequenas cidades como suas sedes. Estas milhares de pequenas cidades não aparecem no livro didático. Elas são retratadas abstratamente como primos distantes em realidades regionais amplas (SILVA; PEDROSA, 2005, p. 2).

Para que uma aula de campo seja bem sucedida são necessários cuidados antes, durante e depois da aula; planejamento e organização são indispensáveis para que ocorra o processo de ensino-aprendizagem e a aula de campo não se torne mais um passeio coletivo sem proveito algum.

Na busca por práticas pedagógicas que valorizam o conhecimento dos alunos, a aula de campo é uma forma de tornar a aprendizagem mais interessante, através do contato direto dos alunos com o objeto de estudo, ressaltando que grande parte da compreensão em Geografia passa pelo olhar ou visão de mundo de cada um.

Proposta de aulas de Geografia sobre leitura de paisagem

Neste item mostraremos uma sugestão de como trabalhar aula de campo e análise de imagens do lugar, como metodologias para construção do processo de ensino-aprendizagem sobre leitura de paisagens aos alunos do 6º ano escolar, partindo do seu espaço de vivência, no caso desta pesquisa, a cidade de Itajuípe-BA. Ressaltamos que esta proposta pode ser aplicada em qualquer cidade, desde que se façam as adaptações necessárias.

Nossa proposta é para ser aplicada, preferencialmente, no início da Unidade I, ou seja, nas primeiras aulas do ano letivo, como recomendam os PCNs e os livros didáticos. Esta recomendação é válida uma vez que na primeira unidade há mais tempo para trabalhar com os alunos, considerando que se está no início das aulas. É importante alertar que o professor precisará de nove horas aula, em média.

1ª etapa (duração prevista de 01h40min ou duas aulas) - *Objetivo geral:* apresentar e construir, junto com os alunos, os conceitos de paisagem natural e paisagem cultural e a importância do homem nas transformações das paisagens. *Metodologia:* para iniciar o processo de ensino-aprendizagem do conteúdo paisagem, no qual a aula de campo é a metodologia proposta, em sala de aula o professor deve entregar, para cada aluno, uma folha em branco de papel A4 e pedir para que desenhem uma paisagem, partindo do conceito que eles próprios já têm. Depois, o professor deve recolher estas folhas e observar o que os alunos desenharam (se o homem está inserido nos paisagens, se tem somente elementos naturais, culturais), e então começar a construir os conceitos de paisagem natural e cultural, a partir da análise dos desenhos. Essa aula pode ser aplicada com auxílio do livro didático ou de algum recurso, como imagens avulsas, imagens em computador e projetadas por *data-show*, etc. para exemplificar a diferença de paisagens naturais e culturais, mostrando a importância do homem na transformação dessas paisagens. Essa etapa trabalhada na sala de aula, antes dos alunos saírem para a aula de campo, faz parte da metodologia sugerida.

2ª etapa (duração prevista: 50 minutos ou uma aula) - *Objetivo geral:* discutir a importância de se estudar paisagens que fazem parte da vivência dos alunos. *Metodologia:* o professor explicará o objetivo da aula de campo, ressaltando a importância de se estudar uma paisagem que faz parte da vivência dos alunos, pois nos livros didáticos as imagens lhes são desconhecidas, já que representam paisagens da região Sudeste brasileira ou de capitais. Depois desta explicação, o professor deverá apresentar o roteiro da aula de campo e os materiais que os alunos deverão levar para esta aula (folhas de papel ou caderno, caneta ou lápis, máquina fotográfica ou celular), para que ninguém seja pego de surpresa ou deixe de fazer as atividades propostas por falta de material.

3ª etapa (duração prevista: 02h30min ou 03 aulas) - *Objetivo geral:* construir a leitura da paisagem, a partir de alguns marcos históricos e geográficos da formação e do crescimento da cidade de Itajuípe. *Metodologia:* realização da aula de campo, cumprindo o seguinte roteiro: praça Regis Pacheco, Centro Comercial, Barracão e Bosque de Itajuípe. Baseada nas sugestões metodológicas para trabalho de campo de Lima e Assis (2004-2005, p. 113-114). Porém, foram feitas algumas adaptações voltadas para a realidade de Itajuípe, cidade do interior do sul da Bahia. Esta aula poderá ser realizada em conjunto com a disciplina de História. Em todas as paradas os alunos deverão tirar fotografias que registrem as paisagens da cidade. Estas fotografias devem ser levadas na próxima aula de Geografia, juntamente com fotografias antigas dos mesmos lugares, que podem ser encontradas em álbuns de famílias de moradores antigos, em jornais e revistas antigas, etc.

- *Primeira parada:* praça Regis Pacheco (Figura 1), localizada no centro da cidade de Itajuípe, na margem esquerda do rio Almada. O professor levará os alunos até esta praça e pedirá que façam uma “leitura” do que estão vendo, ou seja, os elementos naturais e culturais das paisagens. Depois de deixar os alunos observarem a paisagem, sem emitir nenhum juízo de valor, será o momento de o professor orientar os alunos com relação à leitura da mesma.

- A importância do rio Almada para a formação e o crescimento de Itajuípe.
- O processo de poluição e de assoreamento do rio.
- As casas que estão em volta da praça, assim como os quatro depósitos de cacau, que até hoje simbolizam a produção econômica da região, que por muitos anos foi a principal fonte de renda da população local, mas que atualmente tem sido substituída por outras atividades produtivas, como o comércio e a indústria, a exemplo da Cambuci, indústria que produz a marca Penalty, que tem uma de suas fábricas instaladas na cidade.
- A prefeitura, que abriga o poder executivo municipal.
- A igreja matriz do Sagrado Coração de Jesus, que atualmente está em fase de revitalização, pois é um dos cartões postais da cidade.

Figura 1– Praça Regis Pacheco no centro de Itajuípe, Bahia.



Foto: Ivana Souza Oliveira Santos, maio de 2013.

- *Segunda parada*: centro comercial de Itajuípe (Figura 2). O professor deve se posicionar com a turma, na antiga praça da feira e orientar os alunos na leitura da paisagem.

- Chamar a atenção dos alunos para a arquitetura das casas comerciais, uma coexistência do passado e do presente; para os velhos sobrados que mantêm suas fachadas antigas, mas que apresentam diferentes usos. Esta região da cidade tem uma paisagem em que as suas formas possibilitam um breve resgate de parte da história local.

- Observar o casarão, que foi tombado e hoje funciona como um ponto de referência da cultura/arte local.

Figura 2– Centro Comercial de Itajuípe, com o Casarão de Cultura ao fundo.



Foto: Ivana Souza Oliveira Santos, maio de 2013.

- *Terceira parada*: Barracão. O professor orientará todos a se posicionarem em frente ao Barracão.

- Os alunos observarão os trilhos da antiga estação de trem, que foi um meio de transporte em parte responsável pelo crescimento econômico de Itajuípe, porque

servia para escoar a produção de cacau do município em meados do século XX.

- Observar os novos usos da estação, que funciona como uma oficina privada e como um barracão, que serve de garagem da frota municipal de ônibus.

Figura 3 – Antiga estação de trem e o atual barracão no centro de Itajuípe, Bahia.



Foto: Ivana Souza Oliveira Santos, maio de 2013.

- *Quarta parada*: o Bosque e o lago de Itajuípe (Figura 4) se constituem como o principal cartão postal da cidade. São espaços de lazer onde as pessoas jogam bola, caminham, pedalam, fazem canoagem, etc. Como estão situados em frente à escola, o professor levará os alunos para a quadra de esportes, acomodando-os na arquibancada e os orientando na leitura da paisagem.

- Observar a paisagem em volta do Bosque e do lago e refletir: por que é assim?
- Observar que as duas pousadas da cidade se encontram, justamente, próximas ao lago e ao Bosque, instigando os alunos a refletirem sobre isso. Também, sobre a presença das casas “apelidadas de casas dos bancários”, que estão em frente ao lago. O professor deve chamar a atenção para a especulação imobiliária nesse local, porém com palavras do vocabulário de alunos do 6º ano, para que eles entendam que os locais mais aprazíveis são também os mais valorizados economicamente.
- Observar as atividades que se desenvolvem no Bosque, como: caminhadas, pedaladas, canoagem, musculação e futebol de quadra e de areia, por se tratar de um espaço de lazer.

Figura 4– Lago de Itajuípe, com parte do bosque.



Fonte: <www.portalmix.com.br>

4ª etapa (duração prevista: 01h40min ou 02 aulas) - *Objetivo geral:* comparar imagens atuais com imagens antigas de Itajuípe e analisar as transformações que ocorreram na paisagem, ao longo do tempo. *Metodologia:* o professor deverá pedir para os alunos levarem para a escola imagens antigas dos locais em que farão a aula de campo. Estas imagens deverão ser comparadas às fotos que foram tiradas in loco, questionando: o que mais chama a atenção nas duas imagens? Há elementos naturais e culturais nas duas imagens? Que transformações conseguem perceber? Por que ocorreram essas transformações? Depois, cada aluno deve colocar seu nome na imagem que levou, a qual deve circular pela sala, de modo que todos vejam todas as fotos. Também é possível trabalhar a percepção da cada paisagem, pois sua representação está relacionada ao ponto de vista de quem a fotografou, de quem a observou, sendo, portanto, resultado da percepção de cada um. Isso pode ser feito tanto na imagem atual como na antiga. No segundo momento da aula, o professor pedirá para os alunos colarem as duas imagens (a antiga e a atual) em um papel e produzirem um texto, enfocando as transformações ocorridas nas paisagens, podendo usar algumas informações dadas na aula de campo sobre a história de Itajuípe, ou respondendo as seguintes perguntas: Que paisagens estão representadas nas imagens? Por que a paisagem naquelas imagens é assim? Há mais elementos culturais do que naturais? Por quê? Que elementos sofreram mais transformações nestas paisagens? Etc.

5ª etapa (duração prevista: 50 minutos ou uma aula) - *Objetivo geral:* analisar os elementos naturais e culturais presentes nas imagens das paisagens fotografadas pelos alunos. *Metodologia:* essa parte da metodologia foi baseada no artigo de Coelho (2008), que parte do princípio da leitura da paisagem por partes e depois o todo. Se a imagem usada para a leitura de paisagem apresentar elementos naturais e elementos culturais, primeiro deve-se ler um elemento e depois o outro e, por último, o todo. Se os elementos naturais e culturais estiverem misturados na imagem, primeiro deve-se ler o que está mais próximo (embaixo) ou no primeiro plano; depois o plano do meio ou segundo plano; na sequência o terceiro plano ou o que está mais em cima na imagem e, por último, o todo. Os alunos, além de separar os planos, deverão listar os elementos naturais e culturais presentes na imagem. Por certo, a autora faz reflexões bem mais complexas em relação às imagens, mas nós adaptamos a atividade para alunos do 6º ano escolar. Exemplo (Figura 5) paisagem do lago de Itajuípe, com pousadas nas margens e floresta ao fundo.

Figura 5 – Lago de Itajuípe, com o bosque ao fundo.



No 1º plano da imagem (Figura 5) destaca-se o elemento natural, que é um espelho d'água, ou seja, o Lago de Itajuípe. Ele chama a atenção por estar mais próximo em relação ao conjunto que se observa. O 2º plano é uma faixa de transição entre o primeiro e o terceiro, onde têm pousadas que se configuram como um elemento cultural dentro da paisagem urbana. No 3º plano da imagem pode-se perceber uma densa floresta que, se os planos não fossem separados, talvez passasse despercebida.

De acordo com esta proposta de aulas de Geografia para o 6º ano, os alunos poderão aprender sobre leitura de paisagens e os elementos que a compõem, despertando sua criticidade. Eles passarão a ver as paisagens com o olhar espacial aguçado e entenderão o espaço geográfico no qual estão inseridos, sendo agentes produtores/transformadores das paisagens do lugar em que vivem.

Quanto à avaliação, ficará a critério do professor. Nossa sugestão é que seja considerada a participação de cada aluno em todo esse processo, além da produção de texto sobre a transformação da paisagem de Itajuípe, utilizando as imagens antigas (levadas pelos alunos), as imagens atuais (tiradas durante a aula de campo), e o aprendizado na aula de campo.

Considerações finais

Pesquisar e escrever sobre paisagem é uma experiência enriquecedora para nós, pesquisadoras, porque desenvolvemos um assunto que é concreto para nós, professoras de Geografia. A nossa intenção com esse artigo foi mostrar a possibilidade de se trabalhar com leitura de paisagem, utilizando não somente livros didáticos, geralmente, com imagens do sudeste do Brasil, mas através da análise de imagens do lugar e também de aula de campo realizada próximo à escola.

Nossa proposta de aulas de Geografia para o 6º ano, com metodologia de aula de campo para os alunos aprenderem a leitura das paisagens do seu lugar, indicando um roteiro urbano, portanto, próximo da escola, contribui com a práxis pedagógica, em especial dos professores da cidade de Itajuípe.

A aula de campo é uma metodologia relevante para dar significado às aulas de Geografia do 6º ano, no que se refere ao conteúdo paisagem. Essa metodologia aplicada para a leitura da paisagem de Itajuípe é importante, primeiro, porque paisagem é um dos conceitos-chave da Geografia que pode ser trabalhada além da sala de aula; segundo, paisagem é um conteúdo que faz parte do cotidiano dos alunos; e terceiro, porque quando os alunos aprendem a ler as paisagens do seu lugar, conhecendo os elementos naturais e culturais e a transformação da paisagem ao longo do tempo, eles passam a compreender a dinâmica que as envolve, sentindo-se sujeitos participantes da produção/organização do espaço geográfico de Itajuípe.

A análise de imagens antigas, comparadas as paisagens atuais do lugar, registradas em fotos tiradas na aula de campo, também pode ser uma metodologia eficaz na aula de Geografia do 6º ano sobre o conteúdo paisagem, quando se quer trabalhar os elementos naturais e culturais presentes na paisagem e sua transformação num determinado período. Os alunos passam a entender que também são agentes transformadores da paisagem do lugar em que vivem.

Por fim, foi prazeroso e gratificante estudar este tema, porque pudemos pesquisar algo que conhecemos e que faz parte de nosso dia-a-dia, explorando paisagens do nosso lugar, paisagens estas que ajudamos a construir.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura/Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 84-91

BORGES, Clarice; PAZ, Miguel. **Tempo de Geografia: ensino fundamental**. São Paulo: Editora do Brasil, 2011.

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANI, Antônio Carlos et al. (Orgs.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 57-63.

_____. **Aprendendo a ler o mundo: A Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Caderno Cedes, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-242, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unincamp.br>>. Acesso em: 19 set. 2012.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários**. 3. ed. São Paulo: Mcgraw-Hill, 1983.

CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. Na beleza do lugar, o rio das contas indo... ao mar. 2009. 216 f. **Tese** (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP, Rio Claro, SP, 2009.

COELHO. Letícia Castilho. **O simbólico na paisagem através da leitura de imagens**. 2008. p. 1-22. Disponível em: <<http://gpitufrgs.files.wordpress.com/2011/03/castilhos-leticia-leitura-de-imagens.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2012.

COLEÇÃO Projeto Eco. **Ensino Fundamental II da Editora Positivo**. Disponível em: <<http://www.editorapositivo.com.br/ecobox/homerestrita/aprofundamentos/conteudos.html>>. Acesso em: 13 nov. 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A paisagem geográfica: uma bibliografia**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 4, p. 50-54, 1997.

_____. **Geografia Cultural: uma bibliografia**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 5, p. 67-71, 1998.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998. p. 92-122.

DANELLI, Sonia C. de Souza. **Projeto Araribá: Geografia - Ensino Fundamental**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2007.

HOLZER, Werther. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p.149-168.

KAERCHER, Nestor André. A Geografia é o nosso dia-a-dia. In: CASTROGIOVANI, Antônio Carlos et al. (Orgs.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 11-21.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LIMA, Vanuzia Brito; ASSIS, Lenilton Francisco de. Mapeando alguns roteiros de trabalho de campo em Sobral-CE: uma contribuição ao ensino de Geografia. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, v.6/7, n.1, p. 109-121, 2004/2005.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982, p. 103-140.

MELO, Vera Mayrinck. Paisagem e simbolismo. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 29-48.

_____. A paisagem sob a perspectiva das novas abordagens geográficas. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005. **Anais...** [Santiago], Chile, 2005. p. 9146-9165. Disponível em: <http://mazinger.sisib.uchile.cl/repositorio/ap/arquitectura_y_urbanismo/h20054111319paisajecultural.pdf>. Acesso em: 19 set. 2012.

NAME, Leo. O conceito de paisagem na Geografia e suas relações com o conceito de cultura. **GeoTextos**, Salvador, v. 6, n. 2, p. 163-186, dez. 2010.

NEVES, Karina Fernanda Travangim Viturino. **Os trabalhos de campo no ensino de Geografia: reflexões sobre a prática docente na educação básica**. Ilhéus, BA: Edítus, 2010.

MOREIRA, João Carlos; SENE, Eustáquio. **Trilhas da Geografia: a Geografia no dia-a-dia - 5ª série - Ensino Fundamental**. São Paulo: Scipione, 2006.

SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 12-74.

SCHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **RA'EGA**, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003.

SILVA, Ronaldo da; PEDROSA, Laurindo E. Trabalho de campo como recurso didático: roteiros e metodologias para o espaço urbano de Catalão. In: ENCONTRO REGIONAL DE GEOGRAFIA, 9., 2005, Porto Nacional. **Anais...** Disponível em: <http://observatoriogeogoiias.iesa.ufg.br/uploads/215/original_SILVA__Ronaldo_trabalho_recurso_did_tico.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2013.

Correspondência

Ivana Souza Oliveira Santos

E-mail: ivanabispo12@hotmail.com

Recebido em 18 de junho de 2013.

Revisado pelo autor em 18 de dezembro de 2013.

Aceito para publicação em 23 de dezembro de 2013.